



Entrevista com Walberto Chuvas

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Ramon Moser

Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Walberto Andrade Chuvas, o Beto, é um homem multidisciplinar por excelência. Arquiteto de formação, tem em suas veias o sangue ainda correndo vibrante pelas artes e pela filosofia. Quando ingressou na UFRGS como técnico-administrativo, em 2006, não poderia imaginar, porém, que transformaria a divulgação científica e a extensão no Instituto de Física. Nessa entrevista, em cerca de uma hora, Beto Chuvas perpassou vários momentos de sua carreira, dentro e fora da UFRGS, desde seus trabalhos nos carros alegóricos da escola de samba paulistana Vai-Vai, nos anos 1980, até a titulação como técnico emérito da Universidade. Um papo surpreendente, inteligente e agradável – como o próprio Beto.

Revista da Extensão: Minha primeira curiosidade é: como é para um arquiteto trabalhar com divulgação científica?

Walberto Chuvas: Pois é, deixa eu te contar. Eu sou de um tempo em que seu pai dizia assim para ti: “O que você vai estudar? Engenharia ou Medicina?” Se a resposta fosse que iria estudar jornalismo, que iria estudar relações públicas, filosofia, licenciatura... Ele diria: “Então você vai trabalhar”. Ou, então: “Você tem duas opções: Engenharia ou Medicina”.

Eu consegui sair pela tangente, consegui fazer arquitetura. E eu estudei com quatro amigos que fizeram vestibular para Medicina, e nós cinco passamos muito bem colocados. Eu fiquei em sétimo lugar, e havia uma densidade de 14 para 1 candidatos na graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, onde ingressei em 1975.

Durante esse tempo, comecei a fazer cenário para teatro, desfiles de moda, vitrines, capas de livros e cartazes. Sempre trabalhei e transitei muito na parte visual, porque a arquitetura te dá isso, te dá

o método. Então, trabalhei muito com Carnaval, participei por 10 anos em uma escola de samba, fiz até todos os carros alegóricos e alegorias da “Vai-Vai”.

Revista da Extensão: Em São Paulo?

Walberto Chuvas: Lá em São Paulo. Eu tinha uma turma de amigos que estudavam na Faculdade de Arquitetura de Santos, e os professores, arquitetos da faculdade, que desenhavam os carros alegóricos e as alegorias, contratavam esses meus amigos para montar. E eu trabalhei lá por dois verões. A “Vai-Vai” foi campeã nos dois anos em que trabalhamos. Depois, todos os anos, eles diziam: “Tragam os gaúchos”.

Nesse período, conheci, também, muitos artistas nas áreas de Teatro e Artes Visuais. Fiquei na casa de um cenógrafo muito talentoso, Flávio Império. Conheci muitas pessoas do meio artístico em São Paulo, artistas plásticos, atores...

Meu chefe na Vai-Vai era o Ulisses Cruz, diretor de teatro e assistente de direção do Antunes Filho. Inclusive, foi lá que conheci a Nega Lu (ela é uma

figura da noite, a primeira mulher trans de Porto Alegre).

Então, foi tudo muito intenso na minha vida, porque raramente eu disse "não" para as coisas, e quase nunca me arrependi. Sempre pensei assim: se eu dissesse "não", me arrependeria. E, às vezes que disse "sim", algumas – poucas –, me arrependi, porque me envolvia em algumas "roubadas"... (risos)

Revista da Extensão: Tu tinhas uma veia artística, então? A arquitetura te deu essa visão?

Walberto Chuvas: Tinha. A casa da minha família, em Rio Grande, era ao lado da Escola de Belas Artes. Então, eu fiz aula de teoria e solfejo, de desenho, de observação, de anatomia, de modelagem... Só que minhas notas começaram a baixar no colégio, e a minha mãe "caçou" minha carteirinha de artista.

Então, eu fui estudar Arquitetura. Tenho contato ainda com alguns professores aqui da UFRGS que estudaram comigo, como Fernando Fuão, que trabalha com colagem, e eu também. Então, eu vim para Porto Alegre com o grupo de teatro com o qual eu trabalhava, o "20 prás 8", lá no Mauá – inclusive, nós participamos do UniCena, fizemos o espetáculo aqui no Salão de Atos.

Revista da Extensão: Anos 1980?

Walberto Chuvas: Anos 1980. Eu me formei em 1982. Eu fui no "Cio da Terra" apresentar um espetáculo de teatro com o mesmo grupo. Só não fui em Woodstock porque meu pai não deixou, ainda mais porque eu tinha 13, 14 anos naquela época. Por incrível que pareça, eu queria ir.

Mas morei nos Estados Unidos com uma família americana através de uma bolsa do American Field Service (AFS), e fui a shows do The Guess Who, Suzy Quatro, Elton John... Eu vi um show histórico do Bob Dylan, inclusive.

Então, todo mundo sempre conta uma história triste da vida: "Ah, porque eu vim do nada", "Minha vida sempre foi muito difícil". Eu não posso dizer isso, sempre fui muito privilegiado. A minha família não era rica, mas tinha uma boa condição de vida, e numa cidade em que a divisão de classes era muito gritante. Rio Grande é uma cidade portuária, então tinha uma pequena parte da população que vivia muito bem e uma grande parte da população que era muito pobre. Existia muita periferia, que nem Porto Alegre. Só que tinha uma coisa boa: ela estava a uma hora de Pelotas.

Qual é a diferença entre Pelotas e Rio Grande? A classe média de Pelotas era muito maior. Então, eu, desde os meus 13, 14 anos, ia passar o fim de semana em Pelotas, porque tinha teatro, música, discoteca... Rio Grande só tinha a Praia do Cassino.

Então, fui morar em Pelotas, e fui estudar na UFPEL. Fui um estudante medíocre, porque eu fazia muita festa, muito movimento estudantil. Fui vice-presidente do diretório acadêmico da Arquitetura, onde a gente fez a primeira greve por melhores condições de ensino.

Revista da Extensão: Nos "anos de chumbo"?

Walberto Chuvas: Anos de Chumbo. Eu era da "Liberdade e Luta", a Libelu. Mais do que isso: eu era de um partido clandestino que se chamava "Organização Socialista Internacionalista". A gente vendia um jornal: "O Trabalho".

Mas bem, eu vim para Porto Alegre com o grupo de teatro. Nós fizemos uma montagem do "Alice no País Divino Maravilhoso", que era uma adaptação de Lewis Carroll, do "Alice no País das Maravilhas", só que uma história brasileira, um musical com músicas da Sueli Costa, texto do Paulo Afonso Grisolli, Tite de Lemos, Sidney Miller, Luis Carlos Maciel e Marcos Flaksman, todos globais. Aí nós viemos fazer uma temporada aqui. Do grupo, eu e mais três ficamos em Porto

Alegre. Uma foi para a Europa, mora até hoje na Itália, outro morou anos na Islândia, agora está na Alemanha. O grupo aqui se dispersou.

E eu trabalhei muito tempo no comércio, trabalhei na Panambra (NR: tradicional concessionária de veículos), trabalhei na Gang (NR: loja de roupas). Na Panambra, eu era chefe do departamento de arte, tinha seis funcionários, e fazia toda a criação de arte. Eu tinha dois cartazistas, dois vitrinistas e dois serígrafos. Então, eu trabalhava para todas as "Panambbras", ligado ao marketing.

Depois, fui para a Prefeitura, no governo do Olívio (NR: entre 1989 e 1992), fui trabalhar na Fundação de Educação Social e Comunitária – FESC (hoje Fundação de Assistência Social e Comunitária – FASC), onde eu trabalhava na Assessoria de Comunicação. Eu fazia a criação de arte de todas as peças de divulgação gráfica.

Eu tenho uma pilha, de – eu acho que são mais de 200 – cartazes, diplomas e folders. Eu trabalhava com recursos limitados, com uma impressora matricial, através das técnicas de recorte e colagem. E aí me liberavam a gráfica do DMAE, eu operava as máquinas e fazia todos os cartazes. Depois, tive uma empresa de paisagismo, a Boulevard – Plantas & Jardins. Eu fiz mais de 200, 300 jardins em Porto Alegre. A Boulevard era bem conhecida.

Então comecei a fazer uns concursos e passei na UFRGS. Aí, quando me chamaram e perguntaram se eu tinha alguma preferência por algum campus, eu disse: "Não, a essas alturas, qualquer prazer me diverte". Aí me mandaram para o Vale, lá para o Instituto de Física. Eu cheguei lá e o diretor era o professor João Edgar Schmidt, um visionário.

Revista da Extensão: Foi o início de uma trajetória marcante não apenas para ti, mas para muitos que trabalharam contigo.

Walberto Chuvas: Temos que dar mérito às pessoas que trabalham conosco, porque ninguém

faz nada sozinho. Toda essa construção minha na extensão, na vida, sempre foi coletiva. Tanto que, para mim, o melhor pronome é a primeira pessoa do plural. A primeira pessoa do singular não te conduz a lugar nenhum.

Aí fui parar lá no Instituto de Física, estando na direção o professor João Carlos Schmitt. A diretora em exercício na época era uma professora argentina, a Miriani Pastoriza. Não sei se tu conheces, ela foi uma das pioneiras no ensino de Astronomia na UFRGS. Ela olhou o meu currículo e disse assim: "O que eu faço contigo? O que eu vou fazer? Onde é que eu vou te inserir no IF?"

Me conduziram a trabalhar na Biblioteca do Instituto de Física. Eu fiquei um ano lá na biblioteca e fui muito bem recebido por uma bibliotecária que é, inclusive, a primeira Técnica Emérita do Instituto de Física: Zuleika Berto. Jogo duro, linha dura, de uma ética exemplar, mas nós ficamos super amigos, eu aprendi tudo com ela. Eu nunca vou me esquecer do que ela me disse: "Beto, se tu tiveres dúvida, não faz, me pergunta".

Já existia no IF um programa de divulgação científica que se chamava "Programa de Ações em Tecnologia". Era o Laboratório Itinerante Tecnologia com Ciência, aquela carreta-palco que levava experimentos em Física por tudo. Quem coordenava era a Silvana Kaster Tavares, e ela teve a percepção de que eu podia fazer mais do que empréstimo e devolução de livros. Me chamou, então, para trabalhar com ela e o João Edgar Schmidt. Aí eu fiquei trabalhando nesse projeto.

Era uma carreta enorme, um elefante branco, literalmente, que era um problema porque nós não tínhamos um cavalo para levar. Então, quem conseguia o cavalo na época era o Exército e a Aeronáutica, através da professora Maria Helena Steffani.

Revista da Extensão: Sim, ex-diretora do Planetário.

Walberto Chuvas: Sim, ela era muito amiga do

pessoal da base aérea, e eles emprestavam o cavalo e nós saíamos para o interior. Bom, aí tinha, além desse programa de Ações em Tecnologia, tinha a Incubadora Tecnológica Héstia, uma parceria entre o Instituto de Física e a Escola de Engenharia. A Silvana Kaster era a gerente e me levou para lá, foi morar no Rio. Aí o diretor João Schmidt me chama na sala e diz assim: “O novo gerente da Incubadora Tecnológica é tu”. Eu vou te dizer: eu gosto de poesia, eu gosto de música, eu gosto de teatro... Imagina eu trabalhando com empreendedorismo? Eu pensava: “O que eu estou fazendo aqui?” Incubadora tecnológica, empreendedorismo, suprasumo do capitalismo... Bom, fiquei dois anos, por sorte ela voltou.



Nesse meio tempo, eu não sei se tu já ouviu falar de um projeto de extensão que se chama “Casa E”, que era coordenado pelo professor Flávio Horowitz? Que era uma casa “E” porque ela era uma

casa envelope, uma casa energética, ecológica. Eram cinco “Es”. Ele recebeu recursos do CNPq ou CAPES e construiu uma casa envelope que tinha como base os princípios da física, tipo energia solar... Ela era uma casa dupla, na parte de baixo ela tinha pedras para fazer a circulação do ar, e aberturas em cima, para o ar entrar por baixo por essas aberturas e sair por cima e refrescar o ambiente. No inverno, tu fechava embaixo e ficava quentinho. Eu agendava as escolas para visitação.

Foi a primeira vez que eu participei, eu acho, de um Salão de Extensão... Não, a primeira vez, na verdade, ainda foi com o Laboratório Itinerante Tecnologia com Ciência, a primeira Ação de Extensão que registrei.

Revista da Extensão: Em que ano foi isso?

Walberto Chuvás: Eu entrei em 2006. Provavelmente 2007 ou 2008. Bom, no Ano Internacional da Astronomia (NR: comemorado em 2009), montaram uma exposição “Em Casa, no Universo”, aqui no Museu da UFRGS, uma das exposições mais bacanas que teve nesse museu. Aí fizeram uma versão itinerante e precisavam de alguém para agendar escolas, agendar prefeitura. E eu levei essa exposição itinerante para várias cidades do interior do Rio Grande do Sul e em vários locais da Grande Porto Alegre.

Era uma exposição leve, que a gente estruturou com aquelas estruturas metálicas e conexões plásticas usadas nos ônibus. Eu levei para o Mercado Público, carregava a exposição nas costas. Levei, também, para a Câmara Municipal, Estações do Trensurb, escolas, para Bagé, Uruguiana, Caçapava do Sul, Alegrete... Quando nós levávamos para uma cidade, junto com o Laboratório Itinerante, recebíamos duas mil pessoas por dia. Eu tinha dez bolsistas trabalhando comigo, nós olhávamos, assim, aquelas escolas vinham, aqueles

ônibus lotados, um atrás do outro... A gente olhava aquela fila e era interminável, tu não via o fim da fila. E eles viam os experimentos, viam a exposição.

Bom, outra coisa, o Instituto de Física tem um acervo de experimentos em ensino de física que nenhuma universidade no Brasil tem, várias peças... Tu conheces o acervo museológico de lá? Olha, nenhuma universidade no Brasil tem igual. Nessa época, veio um museólogo lá do IPHAN, e quando viu aquele acervo maravilhoso, ele disse assim: "Olha, ninguém mais tem isso, tudo intacto, bem cuidado, isso são relíquias. A UFRJ, a USP, as outras universidades, quando muito, têm um desses sucateado".

Então, eu e o professor João Edgar Schmidt contratamos um profissional através de um projeto dele na FAURGS, ele fez as vitrines e nós montamos uma exposição permanente. Aí surgiu a ideia de fazer a rede de museus da UFRGS e eu comecei, nas primeiras reuniões da REMAM (NR: Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS), eu fui representando o Acervo Museológico do Instituto de Física. Participei de todo o processo construtivo da REMAM. E o mais bacana de tudo é que, depois que me acidentei e fui afastado, comecei a trazer colegas para trabalhar. Eu tenho dois colegas muito competentes e dedicados que assumiram o Acervo Museológico e o Portas Abertas, a Lara Elena Sobreira Gomes e o Gabriel Cury Perrone, e transformaram o acervo numa riqueza do IF.

E graças ao apoio deles, em 2018, mesmo acamado, organizei o Portas Abertas. Importante dizer que a gente na vida tem duas opções de atuar: reproduzir ou tentar transformar. Eu sempre optei pela segunda opção: a da transformação.

Revista da Extensão: Como foi para ti começar a trabalhar com física?

Walberto Chuvás: Tem duas coisas que todo mundo tem que saber um pouco na vida: Filosofia e Física. A filosofia te dá uma postura diante da vida, vai te dizer como é que tu te relacionas com

o mundo, com as pessoas, como é que tu trata a vida... E a física te dá a postura, porque tu, através dela, aprendes as noções de equilíbrio de força, de tempo, de velocidade... Então uma te dá uma postura, a outra te dá a postura (risos). Não é à toa que a origem da Física está na Filosofia. O que eram os filósofos na sociedade dos gregos? Eles eram os caras que observavam a vida, o que acontecia no mundo, essa era a função deles. E o que é a Física? É a observação dos fenômenos da natureza. Tanto que o Instituto de Física se originou assim, era o Instituto de Física e Filosofia.

Continuando, começou no Ano Mundial da Física, lá em 2005, um ciclo de palestras no Instituto de Física, na Livraria Cultura. Eu cheguei um ano depois, já tinham feito duas ou três palestras, e o diretor do IF me chamou, sugerindo darmos continuidade. A UFRGS TV já gravava essas palestras. Bom, aí eu fui lá e propus para a Livraria Cultura que toda terceira quinta-feira de cada mês nós levaríamos um palestrante professor do IF e uma equipe de TV para fazer as gravações. Eu registrei como uma ação de extensão, tinha sempre dois bolsistas: um estudante de jornalismo da FABICO trabalhava junto à equipe da UFRGS TV. Na época, o diretor era o Paulo Cabral, depois assumiu o novo diretor, o Fernando Favaretto – maravilhosos, aliás, maravilhosa equipe, competentíssima!

Eu tive vários bolsistas da FABICO e sempre acompanhado por um do Instituto de Física, porque quem tinha os instrumentos de jornalismo não tinha os conhecimentos da Física para fazer a edição dos programas de TV do Ciclo de Palestras do Instituto de Física na Livraria Cultura. Aí, depois, fomos também lá para a FNAC, quando falei com a gerente do Auditório da FNAC, Jaqueline Schmidt, e disse a ela que nós podíamos trazer umas palestras para a livraria. Aí eu pensei no nome do evento e submeti à direção do IF, e ficou: "Conversas ao Pé do Físico". Acontecia nas últimas quartas-feiras de cada mês, num formato diferenciado do projeto na Livraria Cultura, pois, além do palestrante do IF, sempre havia uma atração cultural, como músicos, poetas, escritores,

fotógrafos escolhidos pelo palestrante, que faziam um dueto.

Um detalhe que eu acho muito importante destacar é que, desde aquela época, como eram palestras gratuitas, lotava, haviam pessoas sentadas no chão... No auditório da FNAC e da Cultura, às vezes faltava lugar. Teve várias vezes em que eu tive que deixar pessoas na rua, pois não cabia mais gente lá. Como os eventos eram em duas livrarias diferentes, o nome do programa de TV, o Ciclo de Palestras, passou a ser denominado "Simplifísica", ideia do Fernando Favaretto.

Revista da Extensão: Como as pessoas se interessam por física e ciência em geral, certo? Mesmo que, às vezes, seja uma coisa intangível, abstrata, em termos de conhecimento. E, quando há alguém que simplifica, "simplifísica" (risos), acaba acontecendo, não é?

Walberto Chuvas: A vida é um caminho para o conhecimento. Não há outro sentido para ela, isso é Nietzsche. Porque, pelo conhecimento, você não paga impostos, ninguém rouba ele de você, ninguém tira de você. Pelo contrário, o conhecimento melhora sua qualidade de vida e seu relacionamento com as pessoas, sua interação com o mundo.

Pedíamos, nos eventos, ou um quilo de alimento não perecível, ou roupas e brinquedos. E todo mês levávamos para duas creches muito pobres no interior de Viamão. Nós chegamos a levar 20 quilos de arroz, dez quilos de farinha, dez quilos de massa... As pessoas traziam muito. Na minha sala, eu tinha um canto de doações de professores, pessoas que doavam roupa, brinquedos. Nós lotávamos a van do Instituto de Física e levávamos para Viamão. Ainda havia essa parte, não é? Essa interação com a sociedade que, na verdade, é quem sustenta isso aqui.

Depois, surgiu outra ideia: criamos um projeto que se chamava Escolas Parceiras, que levávamos palestras com docentes do IF e a exposição *Em*

Casa, no Universo, para escolas de Ensino Médio. Foi um projeto de extensão. Apresentamos em vários SEURS (Seminários de Extensão Universitária da Região Sul) e outros eventos acadêmicos de extensão pelo Brasil. Juntávamos uma escola pública e uma escola privada próxima, e levávamos uma atividade, uma palestra ou uma exposição.

Mas, voltando ao Ciclo de Palestras, havia um público muito cativo na Livraria Cultura, principalmente. Eram pessoas aposentadas e, claro, muitos jovens. E outra coisa: sabe o que aconteceu, por causa do Portas Abertas somada a essas atividades de divulgação científica? As densidades no vestibular para Física e Astronomia se tornaram maiores do que vários cursos na UFRGS.

Revista da Extensão: Deve ter ajudado a diminuir o índice de desistência também, não é? No curso de Física, ele tradicionalmente é alto.

Walberto Chuvas: Sim, porque também os alunos do Ensino Médio que pretendem cursar Astronomia acham que vão ficar olhando para as estrelas e os cometas. Não é nada disso, Física e Astronomia são puro cálculo. Outra coisa, os ensinos Básico e Médio são muito fracos, até mesmo nas escolas privadas. As pessoas têm a ilusão de que as escolas particulares são muito melhores que as públicas. Mas sabe, quem é que passa no vestibular? Quem aprende os macetes do cursinho. O cursinho não ensina você, ele ensina a passar no vestibular. E o índice de depressão dos alunos de Física é uma coisa assombrosa, em função dessa deficiência da educação formal.

Revista da Extensão: Ainda?

Walberto Chuvas: Não agora, porque dentro do Instituto de Física, graças ao trabalho da Márcia (NR: Márcia Barbosa, ex-diretora da unidade e atual reitora da UFRGS), e a todo o trabalho que fazemos para acolher os calouros. Não permitíamos o trote nas dependências do IF, eu era o cão anti-trote. A professora Tomoko Gaudioso, do Instituto de Letras, levou os calouros de Física

para uma oficina de dobradura de papel. Fizemos concursos de aviõezinhos de papel, tudo com premiação, na ESEFID (NR: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS). Teve um ano que conseguimos mudas de plantas e o trabalho dos calouros foi plantar mudas ao redor do Instituto de Física. E fazíamos uma reunião na recepção, vinham os pais.

Bom, depois disso, criamos um projeto chamado Meninas na Ciência, junto com a Daniela (NR: Daniela Pavani, professora do Instituto de Física e atual pró-reitora de Extensão), os professores Carolina Brito e Alan Alves Brito e o Fernando Favaretto, que tratava sobre a pequena presença feminina nas Ciências Exatas e da Terra na época. E criamos um programa de extensão intitulado Lugar de Mulher. Sempre participei de todos os Salões de Extensão, apresentando trabalhos, avaliando outros e fazendo mediações em Tertúlias. Inclusive, você viu a matéria que eu digo que meu lugar é na extensão? Tem uma matéria que saiu no jornal, na UFRGS, que é...

Revista da Extensão: "Meu Lugar na UFRGS"?

Walberto Chuvas: Sim. E é aqui. Eu acho que é, eu digo que meu lugar é na extensão. Então, o que aconteceu? O professor João Schmidt veio para a Pró-Reitoria de Pesquisa e eu me tornei a Marianinha (Marianinha Rocha Aranha, servidora emérita da PROPESQ). A Marianinha se aposentou e ele me chamou. Então, eu fiz a gerência executiva por mais de dez anos dos Salões de Iniciação Científica-SIC e UFRGS Jovem, onde eu poderia chamar dez estudantes para trabalhar na minha equipe.

Revista da Extensão: No Salão de Iniciação Científica?-'

Walberto Chuvas: Isso, no SIC. Eram "os guris do Beto" (risos). Os meninos eram super competentes, porque essa juventude é muito bacana. E eu escolhia alunos que precisavam de bolsa. Para todos os meus bolsistas, um dos critérios

que eu usava na escolha sempre foi a necessidade da bolsa, e eles eram muito competentes. E você sabe que a universidade reproduz a forma como se organiza a sociedade, certo? Em castas. E isso é horrível. Eu disse isso à Márcia Barbosa, a propósito, que agora está na hora de inverter essa lógica e dar o protagonismo na universidade para quem são de fato os protagonistas, que são os alunos. Eu vi muitos casos de professores tratando mal os alunos, técnicos tratando mal os alunos... E eu pegava meus bolsistas – cheguei a ter 20 em uma só tacada, entre todos os projetos – e dizia assim: "Aqui só uma pessoa pode tratar mal vocês: EU, quando vocês pisarem na bola, quando vocês não fizerem o que eu pedi para vocês. Mas eu nunca vou maltratar vocês, então, se alguém fizer isso, vai se ver comigo". Eu comprei muita briga, porque eu dizia: "Ninguém põe um filho no mundo, ninguém põe um filho numa universidade para ser maltratado pelos outros".

Revista da Extensão: Eu costumo dizer aos alunos e alunas que trabalham comigo que não importa o quanto trabalhamos, nenhum ambiente de trabalho pode justificar qualquer ambiente tóxico. Como se fosse necessário para fazer muitas coisas, ter de haver pressão ou assédio. Ninguém deve aceitar isso.

Walberto Chuvas: Sim, e eu dizia a eles: "Vocês estão aqui para estudar (na Física o pessoal estuda muito, vira a noite). Você tem prova, vá estudar... eu me viro." Eles não seguiam o horário, mas executavam tarefas dentro da disponibilidade de horário. A prioridade era o estudo.

Revista da Extensão: É exatamente assim. Tem que ser, é uma questão de respeito pela pessoa. Ela está em um momento diferente da vida do que o nosso. Tem faculdade, tem pressão para tirar notas, tem o que quer que seja. Somos uma universidade, você não pode simplesmente aplicar a exigência de uma empresa privada.

Walberto Chuvas: E eu já vi muitos estudantes fazendo um trabalho de técnico.

Revista da Extensão: Ah, sim. Uma responsabilidade que é nossa.

Walberto Chuvas: Sim, é um absurdo. Os meus bolsistas que estudavam jornalismo na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - FABICO executavam tarefas de jornalismo na UFRGS TV, e os bolsistas, estudantes de Física, trabalhavam com Física. Eles não faziam o meu trabalho. Eles iam às palestras para aprender e me auxiliavam na divulgação, a receber o público. Claro que eles me ajudavam também a carregar aquele monte de arroz, feijão, batatas...



Então, chegou um momento em que sentimos a necessidade da existência, no Campus do Vale, de um espaço cultural, como os que existiam no Campus Central da UFRGS, como no Museu, no Salão de Atos e no Centro Cultural... E, então, criamos um espaço chamado Espaço Ciência e Cultura Professora Alba Theumann, onde levávamos uma exposição de arte e uma exposição de conhecimento científico, alternadamente.

Revista da Extensão: Esse me parece um dos aspectos mais interessantes da tua trajetória: conseguir trazer cultura e arte para o Instituto de Física.

Walberto Chuvas: Bom, logo depois, eu comecei a participar da curricularização da Extensão, desde a primeira reunião. Eu participei. Parece que as coisas estão escritas. Como diz a poesia, escrito nas estrelas. Eu saí da última reunião quando a Sandra de Deus (NR: pró-reitora de Extensão da UFRGS entre 2008 e 2020) disse que tinha acabado: “não vamos mais tratar mais da curricularização da extensão”. Peguei um ônibus para casa, quando desci do ônibus, uma moto me atropelou e eu passei seis anos em uma cadeira de rodas.

Tem uma coisa que foi fundamental na trajetória na UFRGS, uma Ação de Extensão que permitiu todo esse meu trabalho: um curso de organização de eventos, organizado pela Márcia Barcelos, que era a chefe do Cerimonial, a jornalista Édina Rocha, e a Maria Aparecida Pires Nunes, que era RP do museu. Eu fiz esse curso, foi o que me deu subsídios para fazer todo esse trabalho. E, bem, o Portas Abertas no Instituto de Física sempre estava bombando, em virtude da formação que recebi

com esse curso. Tínhamos 200 pessoas do IF trabalhando no evento, não sei quantas mil pessoas vinham, porque fazíamos um evento previamente muito bem organizado, pensando em tudo para receber bem a comunidade.

Revista da Extensão: Sempre foi a unidade com mais atividade.

Walberto Chuvas: Sim, muitas e com muita interatividade com o público. Numa dessas, fui procurado pelo vice-diretor do Instituto de Geociências, o professor Nelson Sambaqui Gruber, outro visionário, querido amigo e parceiro, e ele assim me falou: “Beto, queremos fazer o Portas Abertas

do IGEO como o que acontece no Instituto de Física.” E então eu dei uma assessoria, que agora também é outro sucesso.

Então, veio o acidente em 2018 e, assim mesmo, continuei trabalhando. Organizei o Portas Abertas em 2018, com a ajuda dedicada dos colegas Gabriel Perrone e Lara Elena, mesmo acamado. E, durante e a partir daí, como eu tinha um bom domínio do portal da extensão, como registros de projetos, elaboração de relatórios, como fazer, a programação das ações... Eu, mesmo afastado, continuei colaborando com vários colegas na elaboração, registro e execução de novos Projetos de Extensão do IF. Pelo fato de ficar em afastamento por um período de 720 dias, pelo Código Internacional de Doenças – CID, fui aposentado compulsoriamente.

Durante a pandemia, fui convidado pelas professoras do IF Ana Chies Santos, Cristina Furlanetto e Raquel Giulian, e registramos o Projeto de Extensão “Física nas Redes Sociais”, um sucesso em número de acessos e participações do público. E agora está saindo do forno um projeto muito bonito: a exposição virtual Céus do Sul. Desde 2023, eu tenho trabalhado com a Daniela Pavani nesse projeto com uma bolsa CNPq, que finalizamos agora em novembro. Ficou primoroso! As pessoas envolvidas fizeram um belo trabalho e o conteúdo pode ser acessado no link: <https://www.ufrgs.br/ceusdosul>

Revista da Extensão: Beto, uma última pergunta: você vai receber o título de técnico-administrativo emérito da UFRGS. Qual a sensação a respeito disso?

Walberto Chuvás: Eu não sei. Eu não esperava nada disso. Eu nunca pensei nesse tipo de coisa. Foi iniciativa de uma querida professora do IF, Carolina Brito, parceira de muitos projetos. Minha filosofia é a seguinte: “estou a serviço do contribuinte brasileiro.” Eu, por exemplo, tinha minha sala lá no Instituto de Física sempre aberta. Porque se eles, os alunos, pedissem para imprimir – um comprovante de matrícula para fazer o passe do ônibus – iam

na minha sala. Havia uma fila na minha sala e eu dizia: “isso não é meu, é de vocês.” Eu tinha três ou quatro computadores na minha sala, então, quando a biblioteca estava cheia, eles iam estudar lá. Eu sempre tinha três ou quatro assim, e minha porta sempre aberta. Tudo é patrimônio público, de todos, e eu estou a serviço do contribuinte brasileiro.

Eu tenho e eu tinha que fazer jus à situação de que, no momento em que um pai e uma mãe vão ao supermercado comprar um litro de leite, um quilo de “guisadinho” para levar alimento para a família, já estão pagando impostos. Mesmo aqueles que recebem o Bolsa Família pagam impostos. Porque o imposto está embutido nos alimentos, na eletricidade, na água, em tudo. Então, essa história de dizer “ah, nós pagamos impostos para dar dinheiro aos desafortunados” não é bem assim, porque todo mundo paga impostos. Então, se acontecesse: “ah, Beto, posso estudar aqui na sua sala?” Eu dizia: “isso não é meu, é de vocês.”

Claro que temos que zelar pelo patrimônio público. Temos que zelar, principalmente, pela ética no serviço público, ter essa noção de que nós não somos a iniciativa privada. A iniciativa privada pode atropelar, pode fazer qualquer coisa para alcançar seus objetivos, por mais escusos que sejam. O serviço público, não. O serviço público tem que ter toda uma questão comportamental, de direitos, de deveres, porque ele é de todos, não é de um capitalista qualquer. O serviço público tem que ser regido pela ética, sobretudo.

Para finalizar, reafirmo que só alcançaremos nossos objetivos pelo trabalho coletivo e agradeço a todos os colegas servidores, estudantes da UFRGS, do Instituto de Física, das Pró-reitorias de Extensão (em especial à nobre professora Sandra de Deus) e Pesquisa, da UFRGSTV, da Caixola (Adriana Kowarick), da Gráfica da UFRGS (Joseane Ranzolin), da Assessoria de Comunicação e dos terceirizados (fundamentais em seu digno trabalho e muitas vezes invisíveis) que tornaram viável esse reconhecimento, que não é meu e sim de todos. ◀